

CO084

A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO DO CARÁTER COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA CAPACITAÇÃO DE DOCENTES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

VOLPI, José Henrique

UFPR

RESUMO

Cada vez mais nos deparamos com um crescimento econômico desequilibrado e injusto e uma acelerada expansão urbana, que somadas à destruição do ambiente natural colocam a humanidade frente a grandes problemas irreversíveis ou que exijam soluções imediatas. O comportamento destrutivo do homem, a necessidade do acúmulo de capital e a negligência com que lida com o meio ambiente, exige uma mudança de estilo de comportamento. A proposta desse artigo é oferecer subsídios sobre a compreensão do desenvolvimento psico-afetivo e da formação do caráter como ferramenta auxiliar na capacitação de docentes em educação ambiental.

Palavras chave: Caráter, Comportamento, Desenvolvimento

O ser humano age e interage com o meio ambiente natural e social de acordo com o seu caráter. Quando esse caráter for saudável, permitirá uma interação do homem com a natureza e uma tomada de consciência que o fará descobrir as leis que regem os fenômenos naturais e que mais do que fazer parte da natureza, ele é a própria natureza. Um caráter saudável preza pela vida e pela natureza, seja ela a qual instância pertencer.

Contrapondo-se ao caráter saudável, também chamado de genital (REICH, 1995), encontramos o caráter neurótico. Este, por sua vez, apresenta uma série de comportamentos ou traços de caráter, que serão determinados de acordo com os bloqueios sofridos durante as etapas do desenvolvimento psico-afetivo.

Podemos definir caráter como o comportamento de uma pessoa frente aos estímulos recebidos do meio. É a forma de agir e reagir, demonstrada por meio de gestos, postura, tom de voz e vários outros comportamentos que defendem o Ego dos perigos internos e externos. O caráter é composto pelos componentes herdados (temperamento) e pela personalidade, são somados às experiências adquiridas do meio ambiente durante as etapas do desenvolvimento pelas quais a criança irá passar, desde a gestação até chegar à adolescência, época em que o caráter se estabelece. São as sensações tidas como desagradáveis durante cada etapa do desenvolvimento que irão proporcionar um bloqueio afetivo na etapa em que a criança estiver atravessando e, conseqüentemente, deixar registros negativos que terão sua implicação em seu comportamento futuro.

O período da gestação, parto e primeiros dias de vida, faz parte da primeira etapa do desenvolvimento, que recebe o nome de etapa ocular (BAKER, 1980) ou de sustentação (VOLPI & VOLPI, 2002). O útero, tido como primeiro ambiente da criança, deverá ser receptivo, acolhedor e protegê-la até o nascimento. Da mesma forma, os primeiros dias de vida devem ser respaldados por uma sensação de bem-estar e acolhimento. Qualquer estresse sofrido pela mãe durante essa etapa, também será sentido pela criança e poderá trazer sérios comprometimentos de ordem física, energética e/ou emocional (VOLPI, 2002). Em termos físicos, o estresse pode suprimir o sistema imunológico ou até mesmo alterar o DNA de uma célula (FRANKS & TEICH, 1990); energeticamente trará uma condição de baixa energia (hipoorgonia) e emocionalmente irá desenvolver um traço de caráter chamado de núcleo psicótico (NAVARRO, 1995) ou Esquizóide (LOWEN, 1975; REICH, 1995), cujo comportamento básico será de esquiva a todo tipo de contato físico e social, privilegiando sempre a razão em defesa da emoção.

A segunda etapa, chamada de etapa oral (BAKER, 1980) ou de sustentação (VOLPI & VOLPI, 2002), corresponde ao período da amamentação e desmame, que deveria ir desde o nascimento até o nono mês de vida, quando a criança já tem dentes e deveria ser desmamada em definitivo. Comprometimentos nessa etapa como um desmame precoce, brusco ou até mesmo tardio, podem trazer bloqueios cujo traço de caráter predominante será denominado Borderline (NAVARRO, 1995) ou Oral (LOWEN; 1975; REICH, 1995). Em termos de comportamento, serão pessoas que irão privilegiar o lado afetivo e social, mas com tendência à depressividade e comportamento dependente.

A terceira etapa recebe o nome de etapa de anal (BAKER, 1980) ou de produção (VOLPI & VOLPI, 2002). Tem seu início com o desmame e se estende até o final do terceiro ano de vida. Um bloqueio nessa etapa é responsável

pela formação do caráter ou traço de caráter masoquista quando a mãe é severa, repressora, punitiva e coloca a criança sempre numa posição de humilhação; ou do caráter ou traço obsessivo-compulsivo, quando a mãe é exigente com a ordem e limpeza, é moralista, etc (REICH, 1995). Em termos de comportamento básico, o caráter masoquista será disponível e prestativo, sempre prestes a ajudar o outro, mas com muito sacrifício e sofrimento. O obsessivo-compulsivo, por sua vez, será organizado e metódico em suas atividades, com tendências à limpeza e moralismo.

A quarta etapa é chamada de fálica (BAKER, 1980) ou de identificação (VOLPI & VOLPI, 2002). Tem início a partir do quarto ano de vida e a energia da criança está voltada para a descoberta dos genitais e diferença entre os sexos. Um bloqueio nessa etapa é responsável pela formação do caráter ou traço de caráter fálico-narcisista e histérico. O comportamento básico do fálico-narcisista será sempre o de querer se aparecer e achar que é melhor que o outro. O comportamento do histérico é o de chamar a atenção e seduzir o outro como forma de ganhar aliados.

A quinta e última etapa recebe o nome de etapa genital (BAKER, 1980) ou etapa da formação do caráter (VOLPI & VOLPI, 2002), que tem início aos cinco anos de vida e se estende até a adolescência, época em que a formação da estrutura básica de caráter se completa. Se não houver bloqueios, comprometimentos nas etapas anteriores, iremos encontrar o caráter genital, o mais saudável de todos (REICH, 1995).

Em 1930, Freud publicava “O mal-estar na Civilização”, no qual falava sobre agressividade como um impulso primário, natural no ser humano, comparável a todos os outros impulsos, como a libido, cuja busca é sempre pelo prazer. Afirmava Freud que a repressão da libido gera sintomas neuróticos, ao passo que a repressão da agressividade, gera sentimentos de culpa. Apontava o antagonismo entre o instinto de morte (Tânatos) e o instinto de vida (Eros) presente em cada ser humano, encerrando a obra com a afirmação de que “... só nos resta esperar...” (FREUD, 1987, p. 170) que Eros faça frente na luta contra Tânatos, ao mesmo tempo em que questionava quem poderia prever o sucesso e os resultados da atuação do instinto de vida.

Otimista e com notória esperança quanto ao desenvolvimento do núcleo saudável da raça humana, Reich não se conformou com essa expectativa de Freud. Acreditava ele que poderíamos fazer algo para interceder pela vida que existe em nós, uma insuperável esperança que proporciona rara beleza à obra reichiana.

Rompendo com a Psicanálise, que gradualmente se encaminhava para uma visão pessimista do resultado da eterna luta entre as exigências do instinto e as restrições da civilização, Reich (1983) não aceitou a idéia de que o homem sucumbiria, totalmente inerte e submisso ao seu destino. Ele não acreditava e não compactuava com esse destino, alegando que mais do que fazermos parte da natureza, somos natureza, compomo-nos de um elemento comum, que está presente em tudo quanto existe; somos vida! E era sobre essa vida que Reich concluiu que deveríamos atuar.

Em suas idéias para instituir uma educação saudável, Reich (1988) ainda no âmbito da Psicanálise, considerava a importância de uma visão econômica entre satisfação e frustração das pulsões em uma criança. Aos poucos, percebeu que a forma pela qual vamos satisfazer ou frustrar as crianças, no papel de educadores, está diretamente relacionada à forma pela qual nós mesmos, em nossa infância, fomos frustrados e/ou satisfeitos. Assim, o foco da atenção deslocou-se do educando para o educador. Ao fazer isso, Reich percebeu que o educador está inserido em uma cultura patriarcal e capitalista, e que sua forma de atuação é resultado da adaptação a esta. Seu foco ampliou-se e passou a englobar a compreensão de todo um âmbito social. Nesse âmbito, com valores arraigados, a couraça já está formada. Reich deparou-se com o quanto é difícil flexibilizar o que já está tão cronicamente estabelecido e deu-se conta de que seria muito mais produtivo atuar sobre o que chamou de “protoplasma ainda não afetado”. Nesse ponto, afirmou: “Só as crianças valem a pena” (REICH, 1983, p. 87).

Na criança é que temos a possibilidade de encontrar o cerne saudável da humanidade. A criança está em contato direto com seu organismo, ainda livre de couraças. Está em consonância com sua pulsação, com o interjogo entre a contração e a expansão. Contração gera desequilíbrio interno, traz a sensação de que algo não está bem, que há uma condição a ser alterada. A criança dá seus sinais de desconforto e espera pelo reequilíbrio; alcança a expansão prazerosa. A natureza age exatamente assim; esse é seu ciclo: equilíbrio-desequilíbrio-reequilíbrio. É essa sabedoria que devemos recuperar em nossas crianças do passado (nós mesmos) e manter atuante em nossas crianças do futuro (nossos filhos).

Para nós, a trilha já está praticamente aberta. Resta-nos, diferentemente do “esperar” proposto por Freud, “seguir”, encontrar nossas próprias saídas, “fazer” para “merecer”, para “ser”.

Parafraseando Reich (1983, p. 199): “O destino da raça humana dependerá das estruturas de caráter das crianças do futuro”. Em suas mãos e em seus corações repousarão as grandes decisões”. Por isso, pensamos que o homem, em suas emoções, não deve estar fora dos limites da natureza física. Ele é parte da natureza e evoluiu a partir dela como um dos produtos de seu desenvolvimento.

Segundo Paulo Freire (1992):

“Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade, é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. (...) Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa ancorar-se na prática, precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, esperança vã”.

Reich (1973) sempre se colocou à frente das lutas que defendiam a educação, preocupando-se muito com a compulsão para educar e as suas causas. Ressaltava que a neurose do educador tem um papel crucial na educação, produzindo frustrações desnecessárias. O educador neurótico recorda as suas próprias frustrações e desejos reprimidos

e os projeta em seus educandos. Da mesma forma, a ambição insatisfeita dos pais, também projetadas nos filhos, são extremamente prejudiciais. Reich combate as atitudes educacionais consideradas autoritárias e repreensivas em grau exacerbado de intervenção e denuncia toda e qualquer frustração desnecessária que porventura venha a ocorrer no processo educativo, sem isentar o educando de seus limites, que segundo ele, são necessários. Propõe, enfim, uma educação baseada na auto-regulação, de forma a deixar que o organismo do educando possa pulsar livremente para que seja capaz de criar por si próprio, a partir dos conhecimentos adquiridos no meio e por intermédio de seus instrutores e, principalmente, de sua essência.

O bom estado emocional do educador, deveria ser um pré-requisito fundamental para um contato verdadeiro com o educando. Por isso, acreditamos que se o educador tiver uma melhor compreensão dos traços de caráter de seus educandos e até mesmo de outros educadores, mais fácil irá poder lidar com distintas situações que se fazem presentes no dia a dia da educação. Essa compreensão pode ser mais uma ferramenta útil a colaborar com a educação visto que a riqueza da interdisciplinaridade está na troca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, E. F. *O labirinto humano*. Causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.
- FRANKS, L. M. & TEICH, N. *Introdução á biologia celular e molecular do câncer*. São Paulo: Roca, 1990.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREUD, S. O mal estar na civilização. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- LOWEN, A. *O corpo em terapia*. São Paulo: Summus, 1975.
- NAVARRO, F. *Caracterologia pós-reichiana*. 1ª ed. São Paulo: Summus, 1995.
- REICH, W. Os pais como educadores. In REICH, W & SHIMIDT, V. *Psicoanálisis y educación*. Barcelona: 1973.
- REICH, W. *Análise do Caráter*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- REICH, W. *As origens da moral sexual*. 1ª ed. Lisboa: dom Quixote, 1988.
- REICH, W. *Children of the Future. On the Prevention of Sexual Pathology*. 1ª ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1983.
- VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. *Crescer é uma aventura!* Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. 1ª ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.
- VOLPI, J. H. *Compreendendo, por meio do relato de mães, o estresse sofrido durante a gestação e primeiros anos de vida da criança com câncer*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002.
-